



## Arte e cultura no Ensino da Agroecologia: a experiência do projeto EcoArte CTUR/UFRRJ

Diogo de Souza Pinto<sup>1</sup>; Angélica Cristina Laurindo do Nascimento<sup>2</sup>; Eugênia Matias Vale<sup>3</sup>; Eliete dos Santos Miranda<sup>4</sup>; Leonis da Silva Junior<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Professor do Curso de Agroecologia do IFG – Cidade de Goiás, Lic. Ciências Agrícolas e Mestre em Educação. E-mail: [diogomococa@yahoo.com.br](mailto:diogomococa@yahoo.com.br); <sup>2</sup>Graduanda do curso de Agronomia UFRRJ, Bolsista BIEXT-UFRRJ. E-mail: [angelicacristina.dance@gmail.com](mailto:angelicacristina.dance@gmail.com); <sup>3</sup>Graduanda em Ciências Sociais UFRRJ, Bolsista BIEXT-UFRRJ. E-mail: [eugeniafmvalecs@gmail.com](mailto:eugeniafmvalecs@gmail.com). <sup>4</sup>Professora de dança e coordenadora da CIA CORPAFRO – RJ. E-mail: [culturafromiranda@gmail.com](mailto:culturafromiranda@gmail.com).

**Resumo:** Na busca por uma pedagogia embasada no pensamento complexo e na problematização da realidade, o Projeto EcoArte interage os jovens do Colégio Técnico da UFRRJ em ambientes de aprendizagem mediados pela educomunicação. O debate sobre a importância do corpo no processo de construção de conhecimentos nos leva a pensar sobre os princípios da Educação em Agroecologia. Assim foram realizadas diversas atividades envolvendo um grupo de estudantes que experimentaram e realizaram através da integração uma formação agroecológica pela vivência e protagonismo nos processos de aprendizagem e ensino. A arte, nessa perspectiva, está para além de uma ferramenta, como parte do processo de formação holística, humana e cultural que é tão necessária para os processos de transformação política e social.

**Palavras-chave:** Dança; Teatro; Comunicação; Juventude.

### 1. Introdução

O Projeto EcoArte visa construir um espaço onde os estudantes possam trabalhar suas expressões artísticas e culturais e coletivamente desenvolver uma consciência crítica sobre as relações ecológicas, modelo de sociedade e modo de vida do ser humano. Embasado na teoria do Pensamento Complexo, compreendendo as inter-relações que respeitam e assimilam a unidade na diversidade, também sobre os princípios éticos e do reconhecimento das diferenças tão marcantes no ambiente escolar (MORIN, 2003).



O sujeito em busca por identidade caminha no processo de formação de valores mediada pelas suas experiências individuais e coletivas. As oficinas criam um espaço de interação, expressividade e vivência pelas artes cênicas, gerando discussões acerca de temas previamente planejados, que depois se materializam em apresentações artísticas. São propostas pedagógicas centradas na mudança de hábitos, atitudes e práticas sociais, como sugere Jacobi (2006), trazendo as reflexões sobre o ambiente escolar, localidade territorial e relações humanas, sociais, culturais e ecológicas. A questão da ética recebe este destaque como formação humana e política, como Caporal (2006, p. 02) destaca, “uma nova relação com o outro, isto é, entre os seres humanos, como no sentido mais amplo da intervenção humana no meio ambiente”.

Para se pensar uma educação a partir dos princípios da agroecologia necessitamos entender a formação integral como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido se destaca pensar o corpo no espaço, sua atuação através da práxis da construção do conhecimento agroecológico, porque de alguma forma a arte como comunicação é muito além de uma ferramenta metodológica, ela media esse processo de educação sensível e holística.

Desenvolvido no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR), integrando os princípios da Educação em Agroecologia na dimensão da interdisciplinaridade e da formação integral, o Projeto piloto EcoArte começou a ser desenvolvido em 2011 com um grupo de quinze estudantes do Ensino Médio. Inicialmente foi feito um convite para oficinas livres e depois o grupo concluiu seu trabalho desenvolvendo e apresentando a peça “E agora José?” na Semana de Ciência e Tecnologia. No ano de 2014 o projeto retoma suas atividades e dá origem ao grupo DiversidArte e é sobre essa experiência que parte esse texto.

A ideia de oficinas de artes cênicas partiu de um grupo de estudantes do curso técnico em agroecologia, então sob a coordenação do professor Diogo de Souza, iniciaram as oficinas abertas aos estudantes do Colégio no mês de julho (2014). Tendo como objetivo a formação de “arteducadores” ambientais, gerou visibilidade positiva para a escola executando um conjunto de ações socioculturais, envolvendo encontros entre estudantes no objetivo da formação humana, social, crítica e ambiental. Até o presente momento já participaram do projeto trinta estudantes dos cursos técnicos em agroecologia e



meio ambiente, envolvendo também cinco estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) como estagiários.

No contexto contemporâneo, mediado pelas relações fluidas segundo as teorias de Zygmunt Bauman (2004), a construção de identidades acontece por um jogo de relações entre o momento oportuno e o reconhecimento de afinidades entre grupos. Desta forma, a juventude contemporânea inserida nesse processo de construção, busca se encontrar nos espaços abertos ao diálogo das diversidades. O que marca este momento dentro de uma disputa política de cultura de valores acirrada na sociedade são as representações políticas se baseiam em dogmas religiosos e plataformas de desenvolvimento que foge dos princípios da sustentabilidade. Isso nos leva a refletir como a juventude enxerga o futuro em meio à crise ambiental, política e de valores culturais. Visto que por esta lente que baseiam suas escolhas e constituem sua afirmação ou negação das identidades.

Com base no pensamento de transição pedagógica dentro da perspectiva de libertação e autonomia encontramos em Paulo Freire (1979) o referencial para se pensar o aporte teórico do qual se realizam as ações do projeto. Assim temos como princípio a reflexão sobre as questões que unem o grupo, encontrando uma afinidade entre seus componentes para se pensar o objetivo da construção deste coletivo. Tratar as questões socioambientais dentro da dinâmica da produção artística é um dos objetivos do Grupo, com o princípio da comunicação e educação ambiental. Uma vez que estes saberes são incorporados no cotidiano desses sujeitos, começam a fazer parte de sua prática refletir e problematizar os valores que estabelecem a sua cultura e sustentam suas ações. Encontrando desta forma a necessidade de ressignificação de sua identidade cultural em busca de uma reaproximação do ser humano como parte da natureza, levando a reflexão sobre a ecologia profunda. Sendo o processo de educar-se a partir da relação com o outro a base dessa nova pedagogia construtora de valores (FREIRE, 1979).

A construção de valores por meio do resgate histórico promovido pela valorização da identidade cultural é uma possibilidade de afirmação e reconhecimento dos saberes empíricos, o que levou esses jovens a se interessarem pelos estudos sobre comunicação artística. A Dança e o Teatro nesse sentido são abordagens corporais dos processos de construção de identidade pelo gestual e a postura, levando o



corpo a reconhecer a necessidade de se encontrar no espaço, seja ele cênico ou social. Considerando que a relação com o corpo é desenvolvida de maneira muito particular por cada indivíduo, é importante para o processo educativo percebermos como tal corpo adquire significados pelos atores em diferentes contextos locais.

Tomando este aspecto como premissa, passamos a questionar modelos e padrões universais de corpo, assim como questionamos se existe a maneira correta de se expressar corporalmente e realizar determinados movimentos corporais. Também conseguimos refletir sobre hábitos e comportamentos o que une a educação ambiental com a educação do corpo. A base deste projeto é uma reflexão sobre a construção do conhecimento e de saberes dentro de um processo onde a arte dialoga com o sensível e ao mesmo tempo com o concreto para a compreensão do universo sociocultural e reconhecimento das identidades pelo processo educativo.

Para Paulo Freire (1979), a comunicação é o alicerce do processo educativo, onde os sujeitos interagem e pela força do trabalho, transformam a natureza. Neste sentido adotamos proposta metodológica do conceito de *educomunicação*, que se compreende pela interação entre os sujeitos como construtor de um processo de reflexão e transformação de suas realidades, mediados por ambientes interativos de aprendizagem através da comunicação do corpo. A educomunicação é uma linha de ação dentro do Programa Nacional de Educação Ambiental. Esta concepção teórica encontra apoio em Ismar Soares (1996), Ângela Schaun (2002) e Rachel Trajber (2005).

Segundo Bordenave (1997), a comunicação é um processo que acontece em um meio ambiente social, o qual compreende o contexto. Visto que os conflitos políticos e econômicos são norteados deste processo, a comunicação não é um processo neutro, ela acarreta um conteúdo e um objetivo, orientado por quem comunica. Assim temos a influência da indústria cultural orientada pelos seus meios de comunicação que exercem um papel de educação cultural pelos veículos de comunicação de massas. O reflexo disso na juventude são os modismos que estabelecem padrões dentro de uma perspectiva estética. Assim, abordar a comunicação integrada ao processo educativo deste projeto consiste em ressignificar padrões de beleza, verdade e padrões de vida, sendo esses princípios da formação holística e humanizada na agroecologia.



## 2. Desenvolvimento da experiência

O Colégio Técnico da Universidade Rural localiza-se no município de Seropédica/ RJ e oferece os cursos técnicos integrados em Ensino Médio em Meio Ambiente, Agroecologia e Hospedagem, além do curso de Ensino Médio regular, técnico concomitante em Agroecologia e técnico subsequente em Agrimensura. Os estudantes são moradores de distintos territórios que compreende a Região Metropolitana e a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Após a criação da proposta pelos estudantes, as oficinas foram divulgadas e realizadas semanalmente com atividades de artes cênicas voltadas primeiramente para a problematização da realidade e integração entre os participantes do grupo.

As atividades têm como processos geradores mecanismos do teatro, dança, música, desenho, pintura e poesias, voltadas para os temas: meio ambiente, sociedade, juventude, cultura, agroecologia, consumo, produção, identidade, valores e hábitos. Trazemos, nesse sentido, a Dança Afro como um eixo de formação dentro da dimensão artística. Todavia, reafirmando a identidade histórica da cultura afro-brasileira de acordo com a Lei 10.639/03, que trata sobre a cultura africana e afro-brasileira na educação, esse trabalho é também uma ação afirmativa dentro da Instituição como Movimento que objetiva acabar com o preconceito e combater o racismo dentro do ambiente escolar.

Como desdobramento dessas primeiras atividades obteve-se a construção de peças de dança e teatro apresentadas em eventos no colégio, na Universidade ou em outros locais, que são descritas ao longo deste ensaio. Outras atividades de extensão ligadas ao projeto são os cursos intensivos de formação, onde professores da Cia. CorpAfro<sup>1</sup>: Eliete Miranda e Paco Gomes ofereceram aulas de corpo cênico, consciência corporal, composição coreográfica, e ritmo.

Sendo assim, o grupo começou a tornar-se mais coeso e as discussões cada vez mais profundas e chegamos ao ponto da concepção do Grupo DiversidArte, com a proposta de realizar apresentações,

---

<sup>1</sup> A Cia CORPAFRO desenvolve ações relacionadas as artes cênicas e a cultura afro-brasileira, tendo como foco os jovens em situação de vulnerabilidade social e uma abordagem sobre o racismo e o preconceito na sociedade brasileira. O projeto aprovado pelo Edital 1/2016 BIEXT/UFRRJ fomentou as oficinas e cursos que foram realizados nessa parceria, assim como as bolsas de extensão das estagiárias do projeto.



estudos e intervenções com o objetivo da formação de jovens em linguagens cênicas de educomunicação socioambiental e agroecológica. Então o grupo começou a ter uma projeção no sentido de emancipar suas ações e realizar parcerias entre outras instituições e movimentos, tendo atualmente um total de vinte e cinco estudantes no coletivo.

No que diz respeito às vivências agroecológicas, foram realizadas com o grupo visitas em comunidades tradicionais quilombolas: São José da Serra (Valença-RJ) e Quilombo da Fazenda (Ubatuba-SP), e também na comunidade agrícola de São Pedro da Serra (Nova Friburgo-RJ), além da participação em eventos da área para dar qualidade as discussões do grupo. Essas atividades tiveram como objetivo expandir os horizontes culturais e analisar diferentes contextos e conflitos socioambientais em distintos territórios. O que marca para o grupo momentos de imersão e laboratório de criação artística.

Nossas observações tangem no sentido de corroborar com o desenvolvimento de uma crítica sobre os processos pedagógicos que negam a importância do corpo, visto que para uma educação agroecológica encontrar diálogo com os princípios da vida, da complexidade, da diversidade e da transformação, é fundamental. O ‘ser’ não precisa somente da sensibilização, mas deve encontrar no plano da ação sua identidade de sujeito ambiental através da práxis. Assim este projeto busca compreender e afirmar a importância da arte na construção do conhecimento agroecológico mediado por uma educação integral através do despertar sensível pela arte.

### **3. Reflexões sobre os resultados**

Na construção de uma identidade para o grupo, observamos a diversidade como característica dos integrantes do mesmo, fato este que deu origem ao nome DiversidArte para o coletivo, que mais adiante concebeu seu primeiro espetáculo intitulado “DiversidArte em três atos”, fruto dos temas que mais foram discutidos nas atividades do projeto. O Projeto trouxe benefícios satisfatórios no que se refere ao fortalecimento da identidade cultural brasileira, mobilização de grupos de ensino, pesquisa de extensão, na identificação dos elementos comuns que auxiliam no reconhecimento das origens dessas



manifestações e no enriquecimento da agenda cultural de Seropédica e da UFRRJ, trazendo os princípios da agroecologia como forma de refletir sobre desenvolvimento e sustentabilidade.

Para o planejamento dessas oficinas, foi importante observar os momentos em que os estudantes se unem para debater questões diversas, acontecimentos, cotidianos e notícias que nos levou a pensar sobre as temáticas a serem trabalhadas no cronograma de formação do grupo. Encontramos o enfoque em três principais eixos que deram origem ao repertório da peça que o grupo produziu. O primeiro deles trata-se da brasilidade, onde discutimos a cultura brasileira sua diversidade e as questões políticas que atingem comunidades e grupos tradicionais, como por exemplo, a questão das Unidades de Conservação e sua relação com a cultura local, principalmente nas práticas agroecológicas, bem como a mulher na sociedade brasileira e seu papel na produção de alimentos.

No segundo eixo abordamos o amor, sua complexidade de relações e formas de manifestação. O sensível do ser e as relações interpessoais, a violência na sociedade contemporânea e ausência do afeto. Diante da discussão sobre os índices de mortalidade da juventude e de extermínio do negro no Brasil, o plano de lei da redução da maioridade penal, além de temas como preconceito e racismo, desenvolvemos uma dança expressando nossas reflexões.

O último eixo trata da homofobia, com o objetivo de construir uma visão crítica sobre a discriminação e todas as questões de gênero que permeiam o cenário político brasileiro. Os altos índices de brutalidade contra os homossexuais ilustram os valores que convergem para uma ordem social de paradigmas sexuais e de construção identitária. Muitos são os jovens que sofrem violência verbal e psicológica dentro do convívio familiar, isso foi muito percebido no debate do grupo, então a performance que ilustra essa reflexão é bem forte emocionalmente para o grupo.

A peça gerada partiu de um processo de construção coletiva e na sua essência em consonância com educomunicação integrou as artes visuais com a apresentação de vídeos durante os atos. Após essa experiência o grupo sentiu a necessidade de experimentar outras formas e ambientes de trabalho. Acontece que o teor dos temas não se limita a um ato expositivo, o objetivo da apresentação era dialogar com o espectador, tornando-o participativo no processo de comunicação. Utilizamos para isso o recurso da instalação artístico-pedagógica que é a criação de um espaço para se discutir os temas



propostos pelo grupo de forma dinâmica, lúdica e interativa. Desenvolvemos esse trabalho durante a Troca de Saberes em Viçosa nos anos de 2015 e 2016. Também na Escola Estadual CIEP 449, em Niterói em 2015.

Os estudantes que participam deste processo compreendem a importância do projeto por meio da avaliação e amadurecimento dos discursos e pensamentos, ao passo que expandem seu universo de diálogo com outras realidades. Sendo assim a educomunicação possibilitada através das ações do projeto, levam o sujeito a ressignificar seus valores, hábitos e atitudes, ao passo que interagem com outras identidades.

Ao analisar os relatos dos estudantes sobre o processo formativo encontramos como principais conteúdos, baseados na frequência com que tais temas aparecem, a diversidade cultural, visão crítica da realidade, mudanças de postura e conhecimento do corpo e identidade. Observamos nas falas dos alunos durante todo esse período, bem como na evolução de seu discurso que a construção do conhecimento registrado e sentidos pelo corpo abre nova perspectiva para se pensar a educação enquanto processo e suas metodologias.

No ano de 2015 contamos com a participação da professora Eliete Miranda da Cia. CorpAfro/RJ, especialista em Psicomotricidade. Nestas oficinas o grupo se direcionou à perspectiva da arte como mediadora das relações psicossociais e da formação da identidade, a partir da percepção de nossas próprias ações como parte do processo de transformação da sociedade ao qual estamos inseridos. Entendendo a diversidade cultural, regional e social que originaram e/ou modificaram manifestações artísticas que compõem parte do patrimônio cultural brasileiro, tais como: Maculelê, Samba de Roda, Jongo, Coco. Além do aprendizado de gestuais, ritmos e movimentos característicos da dança afro e do conhecimento musical e teatral, o grupo pôde estudar as origens e aspectos regionais que nortearam o processo de criação dessas manifestações culturais.

Também é trabalhado de maneira cênica e performática poemas e causos de autores e autoras afro-brasileiros no laboratório de leitura e técnicas de composição coreográfica. As atividades do projeto também incluíram dois cursos de formação intensiva em dança e aulas abertas na Sala de Cultura da UFRRJ, assim como duas apresentações em eventos do Colégio (Vivência Interdisciplinar



em Agroecologia, Mutirão Agroecológico e Dia do Técnico) e em eventos de extensão no CEFET/RJ, em Valença/ RJ, no CIEP 449, em Niterói/ RJ e durante as 7ª e 8ª Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), e na Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, promovida pelo Comboio Agroecológico do Sudeste. Essas experiências trouxeram para o grupo, integridade na proposta de formação e também uma visibilidade do projeto em outros territórios.

Esta dinâmica de relações abriu portas para a integração do CTUR com outras instituições como o CEFET-Valença, Casa de Saberes e Ponto de Cultura Rural Sobrado Cultural. Esta característica integra a reflexão do grupo com outros contextos socioculturais, levando a uma formação holística com base no pensamento complexo. Ao passo que o estudante interage com outras realidades, ele reafirma sua identidade ao entrar em contato com os mesmos conflitos sociais, políticos e ambientais em distintos territórios. Isto levou para o amadurecimento do grupo uma importante referência sobre o cenário político brasileiro.

Para a instituição o projeto abriu um espaço para manifestação artística e cultural no cotidiano escolar, além de ser um espaço onde se trabalhou as relações humanas e afetivas, tão necessários na construção do conhecimento e da formação integral. O projeto ainda foi contemplado em editais internos com fomento de bolsas de extensão e auxílio estudantil, além de materiais e recursos para viabilizar as atividades externas.

#### **4. Sobre os princípios de uma educação agroecológica**

Ao compreendermos a dimensão do projeto sobre os princípios da vida, diversidade, complexidade e transformação, observamos um caminho a ser construído para uma educação que forma sujeitos autônomos e holísticos. A instituição e o espaço escolar ainda são ambientes de diversas concepções pedagógicas e filosofias de ensino, o que consideramos uma barreira para se desenvolver uma educação integral. Porém ao compreender que este ambiente também é dinâmico ao ser ocupado por uma nova cultura de relações interpessoais, baseada em valores coletivos e éticos, acreditamos ser



possível consolidar os princípios da Educação em Agroecologia. Neste sentido, o projeto se debruça sobre algumas teorias pedagógicas centradas na formação humana e social.

Para os estudantes tem sido uma forma de se expressar e dar movimento as ideias e as contribuições para o conhecimento ambiental e agroecológico, unindo educadores e educandos numa nova proposta de educação trazida pela agroecologia enquanto ciência em construção. Neste caminho de busca por identidades, o grupo estuda os princípios da agroecologia ao passo que trabalha a comunicação onde são incorporados alguns conceitos no dia a dia, levando os estudantes a uma mudança de hábitos, valores e atitudes.

Nossas experiências visam contribuir para a construção de um referencial pedagógico, onde as artes cênicas têm um importante papel. Na educação ambiental crítica, as complexidades das relações nos ajudam a refletir sobre as questões sociais e políticas e possibilitam a sensibilidade, no sentido da construção de valores e hábitos que levam o sujeito a pensar e transformar sua existência. Isto só é possível diante de uma educação integral do ser humano, dentro de uma perspectiva onde as emoções e o olhar sobre a realidade fazem parte do processo de construção de saberes. No que diz respeito aos princípios da Educação em Agroecologia, esse projeto conseguiu de fato permear pelos quatro princípios (vida, diversidade, complexidade e transformação), levando o estudante a compreender seu papel na natureza enquanto parte dela, e protagonista de suas transformações.

## **5. Considerações finais**

O projeto, desde os conteúdos dos debates até as ferramentas artísticas escolhidas para comunicá-los, integra um novo conceito de ensino-aprendizagem no Colégio Técnico da Universidade Rural e para o ensino da agroecologia. Na mobilização a partir dos espaços de encontro e observação, o grupo reflete e avalia hábitos e rotinas, incluindo principalmente a alimentação saudável, o cuidado com o corpo e seus impactos no ambiente, bem como propostas de mediação de conflitos sociais e ambientais. Assim, identificamos na arte a maneira mais humana de comunicar/educar perpassando pela sensibilidade.



Neste sentido que trazemos a educomunicação, baseada numa pedagogia problematizadora, como referências para se trabalhar principalmente com jovens os princípios da educação agroecológica, de carácter interdisciplinar, integrador e reflexivo. Auxiliando na sua busca por uma identidade dentro da dimensão da sustentabilidade como alternativa ao atual modelo econômico e social. Além de compreendermos as demandas da juventude que busca outras formas de construir conhecimentos e também de comunicar com o corpo, assim como uma abordagem cultural na Educação em Agroecologia. Visto que a construção de valores dos sujeitos é também construída nas escolas, este tipo de projeto, corrobora com a resignificação do espaço escolar, trazendo para o palco de discussão uma educação libertadora e em busca da autonomia intelectual dos educandos e a não negação do corpo.

## Referências

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2004.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção Social da Realidade*. Editora Dina livro: São Paulo, 2010.
- BORDENAVE, J. D. *O que é comunicação*. Editora Brasilienses: São Paulo, 1997.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. *Agroecologia, matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável*. 2006. Disponível em: <agroecologia.pbworks.com>. Acesso em 13 de junho de 2016.
- FREIRE, PAULO. *Extensão ou comunicação?* 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JACOBI, P. R. *Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 3, n. 2, p.233-250, maio/ago. 2005.
- MORIN, E. *Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCHAUN, Angela. *Educomunicação: Reflexões e Princípios*. São Paulo: Mauad, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: Revista Comunicação & Educação n. 19. São Paulo: Segmento / ECA-USP, 1996.
- TRAJBER, Rachel. *Educomunicação para Coletivos Educadores*. In: Ferraro, Luiz A. (org) Encontros e Caminhos, vol. 1. DEA/MMA: Brasília, 2005.



## ANEXOS



**Figura 1.** Apresentação do Grupo durante o ato público da 8º Troca de Saberes – UFV, 2016.  
**Fonte:** Arquivo visual do projeto (PINTO, 2016).



**Figura 2.** Abertura da Vivência Interdisciplinar em Agroecologia, São Pedro da Serra - RJ, 2015.  
**Fonte:** Arquivo visual do projeto (PINTO, 2015).



**Figura 3.** Mística, Caravana Agroecológica – Comboio Sudeste, Casimiro de Abreu –RJ, 2015.  
**Fonte:** Arquivo visual do projeto (PINTO, 2015).



**Figura 4.** Oficinas do projeto, CTUR-RJ, 2014.  
**Fonte:** Arquivo visual do projeto (PINTO, 2014).